



Futebol é Programa de Índio

Os meios de comunicação interferem no comportamento das tribos dentro e fora de campo¹

Por: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra²
Universidade Federal de Juiz de Fora.

A paixão pelo futebol é uma realidade incontestável em todas as partes do Brasil. Uma relação que ultrapassa os limites sociais, econômicos, culturais e étnicos. As virtudes brasileiras nesse esporte sempre foram admiradas no exterior e, a partir da globalização, copiadas e importadas. Nos campeonatos mundiais, embora ainda sobressaia a qualidade técnica da escola brasileira, muito pela fábrica de jogadores inesgotável, o que se vê é um nivelamento de conduta dentro e fora de campo. Nos campeonatos estaduais e Brasileiro já não é fácil apontar diferentes formas de jogar entre gaúchos, paulistas, cariocas e nordestinos. A sensação é de que está tudo muito parecido.

Diante do anúncio de que Juiz de Fora, Minas Gerais, sediaria a I Taça das Nações Indígenas de Futebol, o Núcleo de Comunicação, Esportes e Cultura da UFJF³, vinculado ao CNPq, se viu diante de uma oportunidade imperdível. O que iríamos encontrar nesta disputa em termos de comportamento dos índios dentro e fora de campo? Será que na hora do gol veríamos uma comemoração típica de cada tribo ou veríamos o jogador correndo para alguma câmera, beijando a camisa? Os times indígenas adotam algum sistema de jogo? Têm alguma referência do futebol dos grandes clubes ou seguem a intuição e tem seu próprio jeito de jogar o futebol? Será que eles viram a Seleção na última Copa do Mundo? O que acharam? Eles fazem

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste;

² Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em Comunicação. Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, especialista em marketing pela Fundação Educacional Machado Sobrinho, graduado em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde é professor dos cursos de Comunicação e Turismo (graduação) e especialização na Comunicação. Diretor da Produtora de Multimeios e da Rádio Universitária da Faculdade de Comunicação da UFJF. Autor do livro “Você, ouvinte, é a nossa meta- a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol”.

³ O Núcleo de Comunicação, Esporte e Cultura reúne professores Marcelo de Oliveira Matta, Márcio de Oliveira Guerra e Diogo Tourino de Sousa, dos cursos de Educação Física, Comunicação e Ciências Sociais, respectivamente. Fazem parte também os alunos de comunicação e educação física: Tatiane Hilgemberg Figueiredo; Marcelo Henrique Teodoro da Silva; Henrique Martins Fernandes; Thanius Scoralick Sarchis; Rafael Andrade Rezende; João Vitor de Moura Carmo; Márcio de Paula Lopes; Danilo Reis Coimbra; Clayton Marcus Nogueira Vieira; Renan Caixeiro Almeida; André Cristino de Castro; Pablo Augusto de Souza Castro; Douglas Rocha de Souza e Débora Nobre Monteiro. Todos participaram desta pesquisa e foram decisivos para que esse artigo pudesse fazer parte deste livro.



aquecimento? E quando acontece uma contusão, quem cuida: o médico ou a tribo? Enfim, muitas perguntas e uma curiosidade enorme.

O que esse texto aponta são os resultados encontrados na pesquisa realizada com treinadores e jogadores de 19 tribos que participaram desta competição, inédita em Minas Gerais, promovida pelo Instituto Cidade em parceria com o Ministério do Esporte e o apoio da UFJF, Prefeitura de Juiz de Fora, Organização Panorama de Comunicação e Ministério da Defesa. Os jogos foram realizados em janeiro, nos dias 18, 19, 20 e 21, com partidas em quatro campos. Por mais que fizéssemos previsões e tivéssemos expectativas de percebermos alguns comportamentos copiados do “futebol da cidade ou futebol dos brancos”, como eles fazem referência, os frutos da pesquisa e da observação realizada durante os jogos foram absolutamente surpreendentes. É bom ressaltar que esse é o pontapé para uma série de outros artigos que comporão o trabalho do núcleo em torno deste evento.

Estavam inscritas 23 etnias, vindas de oito Estados (Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pará, Santa Catarina e Tocantins). No entanto, com problema de deslocamento, quatro equipes acabaram não participando. Kanela, Gavião, Kaiapó, Xinguanos, Patajó, Bakairi, Terena, Javaé, Xavante, Xerente, Rikbatsa, Assurini, Tapirapé, Manoki, Xacriabá, Paresi-Haliti, Bororo Boe, Yawalapiti e Karajá foram divididos em chaves, sendo que, em função das longas viagens, nenhuma tribo ficaria sem jogar pelo menos duas partidas. A mudança no número de participantes seria facilmente absorvida pela organização da disputa (tabela, arbitragem e organização da competição ficaram por conta da Faculdade de Educação Física da UFJF), mas havia outro desafio. Pelo menos neste aspecto, os índios mantiveram a conduta e imagem conhecida: são absolutamente incontroláveis em termos de tempo.

“Eles tem o tempo deles, que necessariamente não é o mesmo nosso, portanto, isso acabou sendo um complicador”, avaliou o professor responsável pela organização da disputa, Marcelo Matta. Foram raros os jogos que começaram na hora. A tribo Kanela, por exemplo, teve que realizar quatro jogos em um dia (venceu três), porque na data marcada para a estréia seus jogadores foram às compras, no centro da cidade, chegando no Campus Universitário (local do jogo e onde o adversário esperava em campo), numa comitiva de táxis, cheios de sacolas das lojas, provocando surpresa e uma imagem inusitada da situação.

O Núcleo de Pesquisa acabou ouvindo oito treinadores e 154 jogadores, num universo de dezenove técnicos e 380 jogadores. Todos os pesquisadores foram



orientados para, além da aplicação dos questionários, realizar uma observação atenta ao comportamento de jogadores e técnicos dentro e fora de campo, no sentido de comprovar nossa expectativa em torno dos efeitos da globalização junto às etnias.

A faixa etária dos participantes variou dos 13 aos 31 anos, destes, oito nunca estudaram, a grande maioria (113) possuem ensino fundamental e 33 têm o ensino médio. A maioria é solteira (118) e 36 são casados. Dezesseis disseram que têm um filho, três afirmaram que já são pais duas vezes, dois têm três filhos e quatro dos índios têm cinco filhos. A primeira pergunta feita aos jogadores foi se eles acompanham o futebol. Somente quatro disseram que não, um não respondeu e 149 afirmaram que sim. Dos entrevistados, 148 disseram que têm contato com os meios de comunicação e quatro não e dois não responderam.

Mas quais são esses meios de comunicação que permitem a eles o contato com o futebol? O rádio foi citado 26 vezes, enquanto 14 falaram que o contato que têm é o jornal. Neste aspecto, os pesquisadores revelaram que, muitas vezes, perceberam dúvida na resposta e não sabem precisar se alguns confundem jornal impresso com o telejornal. Cinco jogadores falaram que seus contatos com a informação vêm na internet. A grande maioria, 137, apontaram a televisão. Um resultado expressivo e que pode ser melhor interpretado levando-se em conta, por exemplo, a proposta do atual governo de levar energia elétrica a todo o país, o que pode ter sido um facilitador.

A questão seguinte foi sobre o time que eles torcem. A preferência pelo Flamengo não é surpreendente. Cinquenta índios declaram sua paixão pelo time rubro negro. A primeira curiosidade acontece na segunda colocação, dividida entre Vasco e São Paulo, ambos com 23 respostas. A colocação são paulina é reflexo, provavelmente, desse acesso aos meios de comunicação. As boas campanhas dos São Paulo nas últimas décadas, pode explicar o resultado. Corinthians (20) e Palmeiras (16) vêm à seguir. Outro sinal de que os efeitos da comunicação podem contribuir para esse resultado é o fato do desempenho dos times paulistas em disputas nacionais e até internacionais vir superando ao dos cariocas já há algum tempo, mudando o foco de preferência clubística em todo o país.

Ainda sobre a questão de preferência por algum time, em alguns casos aparece ainda a força do regionalismo, do local, uma vez que a tribo paraense lembrou do Paissandu, os mineiros citaram o Cruzeiro, além de Goiás e Vitória, da Bahia, também surgirem na relação. A surpresa, no entanto, surgiu com a indicação de dois índios, que disseram serem torcedores do Barcelona. A explicação pode vir na resposta à questão



seguinte: qual o seu ídolo no futebol? Aqui, cabe a ressalva que muitos dos entrevistados demonstraram dificuldade junto aos pesquisadores para saber o que significava a palavra ídolo.

Sete índios não responderam a essa pergunta. Um deles citou o nome de Wilson, jogador de sua tribo, mas foi só ele. Os outros são bem conhecidos e demonstram, novamente, como a mídia influencia. Dos 146 que responderam, 73 citaram Ronaldinho Gaúcho como o grande ídolo. Kaká aparece em segundo, com 17, seguido por Robinho, com 14 e Ronaldo Fenômeno, com 12. O impacto do desempenho do São Paulo nos últimos anos se reproduz, novamente, quando nomes como os de cicinho, Luis Fabiano, Rogério Ceni entram nessa listagem.

Pelé ainda foi lembrado por três índios, enquanto Zico foi citado duas vezes, Edmundo e Romário, um cada. O fato dos índios torcerem pelo Barcelona e apontarem nossos jogadores que estão no exterior como seus ídolos, já demonstra uma certa curiosidade. Mas ninguém esperava que na lista dos craques admirados pelos índios estivessem Cristiano Ronaldo, Cassillas e Canavaro. Um dos índios usava a camisa com o nome de Kaká nas costas e outro estava interessado em saber se Robinho ainda estava no Real Madrid. Cercados por curiosos, especialmente pelas crianças de escolas da cidade que foram vê-los, os índios deram autógrafos, com todo requinte e pose de grandes ídolos do futebol e da música. Demonstraram intimidade e alguns chegaram a cobrar cinco reais para tirar foto com os “brancos”.

Perguntados se sua tribo tinha um uniforme oficial, 144 disseram que sim e somente 10 disseram não. Trinta e quatro afirmaram que esse uniforme é inspirado em um clube. Doze disseram ser parecido com o do Flamengo, mas a surpresa aparece com o segundo colocado. Sete índios, na mesma tribo, garantem que o uniforme da equipe é inspirado no clube inglês Chelsea. Cinco disseram que os seus são inspirados pelo Real Madrid.

O vôlei apareceu como o segundo esporte mais praticado por eles, tendo o atletismo também citado. A grande maioria aprendeu a jogar na tribo ou aldeia, mas oito afirmam que aprenderam o futebol na escola. E a rivalidade? Bem, aqui houve uma divisão. Quarenta e três por cento disseram que sim e 55 por cento não. E 85% desses índios sonham em jogar em um time profissional.

A pesquisa então partiu para averiguar como os índios acompanharam a Copa de 2006. Deles, 95% afirmaram que acompanharam a competição. Só sete deles disseram não. E o conhecimento do que acontecem no Mundial da Alemanha veio em



98% pela televisão. Só um citou o rádio e quatro o jornal. E o que aconteceu com a Seleção, que perdeu o hexacampeonato? Trinta e um por cento deles afirmaram que nosso time era ruim, enquanto 25 por cento afirmaram que Parreira é o grande culpado do fracasso. A falta de vontade e o sapato alto foram também bem citados. Curioso é que dois índios acham que os jogadores brasileiros foram comprados e houve um que disse que o culpado era Ronaldo, o Gordo.

Para os índios ouvidos, a vitória significa alegria, em sua maioria (37%), honra (11%), reconhecimento (4,8%). Mas 15,3% disseram que o importante é competir e 21% dizem que não tem significado algum. A grande maioria, 37,7% acha que derrota significa tristeza, 21% dizem que ela não tem significado algum e 13,2% dizem que ela representa vergonha e humilhação. Aqui, novamente aparece a afirmação de que o importante é competir, com 16,7%. Finalmente, 88,6% afirmaram que há premiação por vitória e 76,6% dizem que não há punição quando perdem.

Nas entrevistas realizadas junto aos treinadores (13 pesquisados), a primeira pergunta tratava de sistema de jogo. Oito disseram adotar um sistema, três não e dois não responderam. O 4-3-3 e o 4-4-2 acabaram sendo os mais citados. Dois técnicos disseram usar o 3-5-2. Entre os times indígenas não se usa mais o 4-2-4. Dois utilizam o 3-4-3 e um deles, curiosamente, afirma que adota o 5-3-2. A observação feita pela equipe de pesquisadores, no entanto, mostra que a maioria acaba atacando e defendendo em bloco, sem a aplicação do sistema anunciado pelo treinador. Segundo os entrevistadores, muitos pareciam falar sobre o sistema de forma decorada do que já ouviram nos meios de comunicação.

Os técnicos também foram questionados quanto a variação desse sistema de jogo. Quatro disseram que há variação, enquanto nove disseram que não. Alguns comentaram que mudam a escalação, mas não mudam o sistema. Já a questão se essa mudança de sistema pode ocorrer durante a partida, acabou com seis técnicos dizendo que sim e sete que não. Só dois técnicos declararam que buscaram inspiração em outro time para armar suas equipes. Curiosamente, um disse que foi motivado pelo Barcelona e outro afirmou que sua armação de equipe é inspirada em vários times. Mas eles também já demonstram cuidado na sua própria formação. O técnico do Gavião, por exemplo, fez curso de técnico em Poços de Caldas e diz que continua estudando, buscando orientação.

Se depender dos treinadores indígenas Luiz Felipe Scolari seria o treinador da Seleção Brasileira. Seis deles disseram que ele é o melhor técnico do futebol brasileiro.



Muricy Ramalho, do São Paulo, aparece em seguida, com três respostas. Dunga foi citado duas vezes e Parreira uma. Dois não responderam. Doze treinadores garantem que seus times treinam e só um disse não. A maioria treina mais de cinco dias na semana, segundo eles. Só um não respondeu a essa questão, sendo que três equipes treinam dois dias e três fazem atividade em cinco dias semanais.

Sobre a preparação que fazem de seus times, somente dois admitem que realizam trabalho psicológico. A maioria realiza trabalho físico e técnico, embora o treinamento tático também seja citado por alguns. Nove equipes afirmam que têm comissão técnica e quatro não. Entre os que disseram sim, alguns afirmam que têm auxiliar, mas um deles disse que o cacique da tribo faz parte da comissão. Duas tribos, a dos Javaé e a dos Yawalapti, apresentaram dois treinadores durante a competição. A prática dessas duas tribos é colocar cada um de um lado do campo para a orientação da equipe. Os Yawalapti também se destacaram por adotarem preleção antes e no intervalo do jogo, além de realizarem alongamento. Todas as 13 tribos têm campo, sendo que só dois são gramados e os treinadores demonstraram profunda dificuldade para definir as dimensões destas campos onde suas tribos jogam o futebol.

Todos jogam com as mesmas regras “dos brancos”. Não há qualquer adaptação. Havia uma perspectiva sobre a possibilidade deles jogarem descalços, mas o que se viu foi um festival de cores de chuteiras, inclusive algumas imitando estrelas do futebol internacional. Todos também afirmam que em suas tribos já se pratica o futebol feminino, sendo que em uma delas já se joga o futsal feminino. E quando há alguma contusão, como se resolve o problema? Bem, além do médico (citado por três treinadores), enfermeiros e agente de saúde, os índios utilizam medicamentos naturais. Mas a grande novidade, tanto nas respostas, como na observação feita durante a competição é o uso do gelol. Além de muitos afirmarem que cuidam das contusões com ele, o consumo de gelol, observado pela organização do evento, foi exagerado. Qualquer choque, esse medicamento era requisitado pelos índios.

No campo da observação, uma expectativa em relação à comemoração dos gols acabou não se confirmando. A vibração é bem pequena se comparada aos beijos, danças e alegorias criadas pelos atletas dos times profissionais. Após a decisão do título, a grande surpresa. O time dos Xerentes, grande campeão, correu em direção à torcida e comemorou dando um “mergulho” no gramado, bem ao estilo da Seleção Brasileira de Vôlei Masculino.



Chamou a atenção também a conduta dos treinadores durante as partidas. Embora todos falem o português, na hora da orientação ao time, na beira do campo, tudo era gritado na língua da tribo. As diferenças culturais e de contato com a tecnologia proporcionaram momentos distintos. Da perplexidade e felicidade ao se verem nas câmeras dos cinegrafistas, ao momento em que um dos índios tirou de uma bolsa uma câmera digital e começou a filmar tudo, com a maior intimidade no manuseio. Alguns índios exibiram óculos raiban e outros seus Ipodis. Além disso, um dos atletas pediu para uma das pesquisadoras o endereço eletrônico (email) para troca de correspondência futuramente.

O acadêmico Rafael Andrade Rezende, da Faculdade de Educação Física e membro no Núcleo de Pesquisa Comunicação, Esporte e Cultura, atuou como pesquisador, mas também fez parte do trio de arbitragem em várias partidas. Chamou a sua atenção a disciplina apresentada pelos times indígenas. Aconteceram três expulsões, sendo duas delas no confronto entre Os Gavião e Pataxó, que têm grande rivalidade. “É curioso porque eles não reclamam de nenhuma marcação. Tudo que era marcado eles acatavam sem qualquer protesto”, comenta o aluno.

CONSIDERAÇÕES

Este texto se propõe a apresentar os primeiros dados da pesquisa que, certamente, abre perspectivas de muitas outras avaliações e entendimentos. Uma das preocupações dos líderes indígenas e de quem promoveu o evento, era sempre deixar claro que o envolvimento com o futebol, a participação na competição e as relações com o “mundo dos brancos” não retiram deles qualquer tipo de identidade cultural e asseguram que suas tradições não sofrem qualquer abalo com essa proximidade com a mídia. Essa era uma das curiosidades de nossa pesquisa. Uma pergunta que HALL (1992, p.47), em *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, faz a partir de sua preocupação com identidade nacional e o que está acontecendo com a identidade cultural na modernidade tardia. “Especialmente, como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização?”

Hall vai mais além quando afirma que a lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma



subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas. No entanto, se essa formação desta cultura nacional traz a generalização de comportamentos, cria uma suposta cultura homogênea, não impede que os traços da tradição cultural, do local, do particular, sejam mantidos.

Foi isso que vimos nesta competição envolvendo os índios. O futebol, como traço e paixão nacionais, foi apresentado pelos times indígenas sem a qualidade técnica de profissionais (nem se esperava isso deles), mas como várias características no comportamento influenciadas pelo que eles aprenderam com as informações que passaram a ter via meios de comunicação. Especialmente diante do resultado da pesquisa, onde a grande maioria tem acesso à televisão, assiste aos jogos, acaba não sendo surpresa algumas condutas em campo e fora dele. Claro que se tem a dimensão maior dos efeitos que a proximidade trazida pela mídia oferece quando se houve destes jogadores que seus ídolos são jogadores que estão ou são do exterior. Dificilmente alguém imaginaria que um índio brasileiro declarasse que seu time de coração é o Barcelona e que seu ídolo é Cristiano Ronaldo ou Beckham.

FOER (2004, p. 8 e 9) nos conta em *Como o futebol explica o mundo*, que “era possível ver a globalização em ação: nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abasteciam-se de jogadores da Holanda e da Turquia; equipes da Maldivas importavam nigerianos. Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata do lixo da história”. Mais à frente Foer lembra que “a inovação da esquerda antiglobalização é seu apego ao tradicionalismo: a preocupação de que gostos e tendências globais venham a sufocar as culturas nativas”.

Em minhas viagens, tentei usar o futebol- seus torcedores, jogadores e estratégias- para imaginar como as pessoas se identificavam nesta nova era. Será que agora abraçariam novos rótulos, mais globalizados? Os seres humanos deixariam de pensar em si mesmos como ingleses ou brasileiros e começariam a se definir como europeus ou latino-americanos? Ou será que essas novas identidades não teriam sentido, com suas raízes pouco profundas? As pessoas retornariam a identidades mais antigas, como a religião e a tribo? A julgar pelo exemplo do futebol, religião e tribo têm grandes chances.

Diante de tudo que vimos na competição, temos que concordar com Foer. A mistura do uso do arco e flecha antes da partida com a filmadora e o autógrafo; a camisa com patrocínio e o cocar; o ritual de entrada em campo, os cantos de guerra e de alegria, misturados a chuteiras de cores imitando as dos craques vistas na tevê. A permanência



do espírito puro do esporte, quando a maioria nos diz que o importante é competir, aliada ao mergulho de peito dado pelos Xerente no gramado para comemorar o título da competição, imitando o gesto dos atletas do vôlei brasileiro. Contrastes entre a própria cultura e os hábitos de outros observados na mídia. O futebol proporciona isso. Ele nos permite uma leitura bem própria da sociedade, da comunidade, que para PAIVA (1998, p.101) tem o seguinte sentido:

(...) para definir comunidade e sociedade, elege as relações de vizinhança, a linguagem, a casa, o comércio, o dinheiro, as relações de trabalho, os costumes e a vontade humana. Ou seja, tanto a maneira como os indivíduos em determinados sistemas sociais se relacionam com as instituições que produziram, como essas instituições são produto do envolvimento entre indivíduos.

Já o antropólogo Arno Vogel trabalha com a relação do futebol e determinados rituais da sociedade brasileira. “Assim, o futebol serviria como uma espécie de linguagem ritual por meio da qual questões profundas da sociedade seriam expressas, como orgulho, o luto e a euforia”, diz Vogel. Recorremos também a (PAIVA E SODRÈ, p.132) quando lembram que os gregos faziam uma distinção entre ser e aparecer, e que há uma “evidência contemporânea de que a mídia não tem feito outra coisa senão inverter o lema do provérbio. Hoje mais vale aparecer do que ser”. A partir do momento que a televisão passou a fazer parte do mundo do futebol, transmitindo os jogos, o comportamento dos jogadores e demais atores (arbitragem, torcedores e jornalistas esportivos) sofre uma substancial modificação.

Essa é uma realidade constatada também na pesquisa. O comportamento dos índios e suas atitudes em relação ao futebol demonstram forte influência daquilo que vêem na tv. Durante a realização da competição, houve um momento curioso em que o cinegrafista da TV Globo ofereceu aos índios a possibilidade de verem o gol marcado na partida. A cena é interessante, já que mostra o fascínio pela imagem e o encantamento de se ver. O projeto desta pesquisa está apenas se iniciando e ainda outras informações poderão emergir das observações feitas pelo grupo de professores e estudantes. De qualquer forma, o futebol certamente é um programa de índio, no bom sentido.

REFERÊNCIAS



FOER, FRANLIN. **Como o futebol explica o mundo**. Um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado defendida na UFRJ, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasse**. Futebol e Cultura de Massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOVISARO, Martha e NEVES, Leczy Consuelo Neves. **Futebol e Sociedade**. Um olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

PAIVA, Raquel e SODRÉ, Muniz. **Cidade dos Artistas**. Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

RESUMO

Resultado da pesquisa realizada durante a realização de torneio de futebol entre tribos indígenas em Juiz de Fora. Observação do comportamento dos índios dentro e fora de campo e os efeitos que o contato deles com os meios de comunicação causaram e causam nas suas condutas. A globalização chega a aldeia e transforma o futebol em um “programa de índio” com direito a câmera digital, email, televisão, no entanto, sem perda do ritual, da tradição e das características culturais próprias.

PALAVRAS –CHAVE

Futebol; Comunicação; Cultura; Globalização; Esporte.